

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH
CURSO DE PSICOLOGIA

ISABELLE MYZMANN SANTOS DA SILVA

**A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA MULHER MARAVILHA: Uma análise do filme
de 2017**

São Luís
2019

ISABELLE MYZMANN SANTOS DA SILVA

A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA MULHER MARAVILHA: Uma análise do filme de 2017.

Monografia apresentada ao curso de graduação em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^a Dra. Cláudia Aline Soares Monteiro.

São Luís
2019

ISABELLE MYZMANN SANTOS DA SILVA

A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA MULHER MARAVILHA: Uma análise do filme de 2017.

Monografia apresentada ao curso de graduação em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^a Dra. Cláudia Aline Soares Monteiro.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Cláudia Aline Soares Monteiro (Orientadora)

Doutora em Psicologia (UnB)
Universidade Federal do Maranhão

Francisco de Jesus Silva Sousa

Doutor em Psicologia Social (UERJ)
Universidade Federal do Maranhão

Denise Bessa Leda

Doutora em Psicologia Social (UERJ)
Universidade Federal do Maranhão

Lucas Guimarães Cardoso de Sá (suplente)

Doutor em Psicologia (UFSCar)

À mulher que definitivamente é o meu
maior exemplo de amor, carinho,
cuidado e superação. Priscila, você é
minha mulher maravilha!

AGRADECIMENTOS

Eu cresci cercada por mulheres. Eu sempre admirei a sensibilidade, a dedicação, o cheiro, os detalhes do corpo de cada mulher que passou pela minha vida. Porém, com o tempo, comecei a perceber que o que havia de mais belo em todas elas, era a força com que conseguiam existir em um mundo que não lhes dava abertura para que pudessem ser quem verdadeiramente eram. Era, e ainda é, preciso lutar. Então eu passei a me enxergar e a me ver em meio à luta de todas as mulheres que amei e que me inspiraram. Somos fortes sozinhas, mas somos maravilhosas juntas. Não foi por acaso que depois de toda a minha trajetória acadêmica (e foi longa, risos) eu resolvi escrever de e para mulheres. Essa monografia é para a gente!

Cresci ouvindo que Deus é Pai e que a Ele devemos agradecer o fôlego de vida. No entanto, tudo o que há na natureza me mostra que a força criativa do Universo é feminina. Deus é mãe, e é a essa Mãe forte, criadora, impetuosa e cuidadora a quem eu primeiro quero agradecer. Agradeço também à minha mãe, Rosário (D. Rosa para os íntimos), o ser mais carinhoso e amável da terra. Foi com ela que aprendi que o amor também é força e que carinho pode curar. Obrigada mamãe, por ter me incentivado em toda a minha caminhada e por ter me abraçado quando o mundo parecia cruel e hostil, por me compreender mesmo quando não uso palavras e por acreditar nos meus sonhos, todos eles. Você é a Mulher Maravilha da nossa família. Agradeço ao meu pai, Itamar, por ter sido e ainda ser o meu herói. Eu não seria a mulher que sou hoje se você não tivesse me alimentado com todos aqueles livros, revistas, conversas e filmes. Papai, você é o responsável pelo meu espírito competitivo e de luta, foi você que me ensinou a nunca abaixar a cabeça —a não ser pra orar— e a nunca desistir, mesmo quando as coisas estão difíceis. Com você eu aprendi que são as dificuldades que nos fazem fortes e que não importa de onde você veio e sim aonde você quer chegar. E eu ainda quero chegar muito, muito longe. Isac, meu irmão, eu também te agradeço. Tu és meu pedaço de orgulho e também és meu amigo. Obrigada por acreditar e confiar em mim e na nossa família. Eu acredito e torço por você todos os dias da minha vida, por mais que não pareça. Nossa família é meu bem mais precioso.

Preciso também agradecer a todas as mulheres maravilha da minha vida. Agradeço a Priscila, a mulher que me mostrou o quanto podemos ser heroínas de nosso próprio destino, nos reinventar a cada vez que a vida nos desfizer e a quem dediquei esse trabalho. Eu te amo tanto, tanto, tanto..., que essas páginas jamais abarcariam o verdadeiro sentido daquilo que eu aprendi com você e da pessoa que eu me tornei após o teu toque na minha caminhada.

Obrigada, Ariane, por estar comigo em todos os momentos felizes e tristes dos últimos 13 anos. Por ser meu exemplo de força e me mostrar todos os dias que nós mulheres podemos ser a luz de nossas famílias e nossos amigos. Tu és forte, e essa força é revestida de uma sensibilidade incapaz de viver em outro corpo, só no teu. Tu sabes o quanto te amo, minha irmã.

Quero agradecer a Laryssa, e dizer que sem ela talvez eu não tivesse terminado essa monografia. Obrigada por ter chegado e ter ficado. Obrigada por me oferecer tua casa e me emprestar tua família. Obrigada por sempre me ver dessa forma bonita e que me faz ser capaz de acreditar que eu posso tudo. Logo vai ser minha vez de retribuir. Tu tens sido minha luz em quase todos esses dias. Obrigada também à mulher que me mostra ser possível ser tudo de lindo e que faz a felicidade irradiar por todos os poros de quem passa ao menos alguns minutos do lado dela: Marília, tu é musa! Não posso deixar de mencionar Keilane, a minha amiga que tem o olhar bonito e que consegue capturar os melhores momentos de tudo o que vivemos. Rayanne, que é um poço de carinho e cuidado. Meninas, vocês precisam ficar na minha vida pra sempre, ter vocês é saber que não estou sozinha.

Agradeço também a Tonny, que nunca, em nenhum momento, nem por um segundo sequer, independente de todas as circunstâncias, deixou de acreditar em mim. O meu muito obrigada ao meu amigo Jaime, que acompanhou toda essa minha caminhada e mais: esteve do meu lado, caminhado comigo. Amigo, sei que não foi fácil pra nenhum de nós dois, mas sempre acreditei que conseguiríamos. Jocy, você também faz parte disso, obrigada por todas as vezes que me ofereceu um ombro, uma palavra ou a tua casa pra que eu sorrisse e me sentisse como a mais feliz das mortais. Tu és uma mulher maravilha na minha vida, tua beleza, tua força e inteligência não me deixam esquecer. Lidiane, te agradeço por ser meu exemplo de como nós mulheres podemos alcançar sempre patamares maiores sem perder o humor ou a vida social, te admiro um tanto!!!!

E por último, mas não menos importante, quero agradecer a minha orientadora incrivelmente maravilhosa Aline. Obrigada por ter acreditado em mim e, mais ainda, por ter me esperado e não desistido. Saiba que é minha inspiração de mulher e de profissional e que, desde o primeiro período eu quis que você fosse minha orientadora. Talvez eu até tivesse feito uma monografia em Análise Comportamental (ainda bem que não foi preciso, risos)... Aline, tudo o que aprendi com você só me mostrou que eu estou no caminho certo, que nós mulheres ainda temos muito que conquistar, mas que não podemos nos acomodar. Você é extraordinária, e é a única professora que tive que eu admirei tanto o currículo quando a vida. Obrigada, mais uma vez.

Por fim, eu queria agradecer a mim mesma, por não ter desistido, por ter continuado, por ter buscado ajuda quando precisei e por jamais ter deixado de acreditar em mim e nas pessoas que eu amo mesmo quando tudo parecia não sair do lugar. Eu amo a Isabelle que chegou até aqui muito mais que a que começou a caminhada. E eu agradeço a vida que tenho, aos amigos que permaneceram. Ser mulher é luta constante, com a sociedade e consigo mesma. Que possamos acreditar e lutar cada vez mais umas pelas outras, e sejamos, sempre, as mulheres maravilha de nosso destino.

*“Não é sobre dinheiro, não é sobre prestígio,
não é sobre classe, é sobre ter uma
identidade”.*

(Lady Gaga)

RESUMO

O filme Mulher Maravilha (2017) foi responsável por levar milhões de pessoas ao cinema. Trata-se da história da maior heroína de quadrinhos de todos os tempos: Diana, a princesa das amazonas e filha de Hipólita, que ao salvar Steve Trevor na Ilha Paraíso, o acompanha até Londres, participando da Segunda Guerra Mundial e se transformando na Mulher Maravilha. Mas quem é a Mulher Maravilha e que caminhos percorreu essa personagem para se tornar a heroína feminina mais admirada por homens e mulheres? É exatamente a análise do processo identitário da Mulher Maravilha no filme de 2017 a que se propõe o presente trabalho. Através do conceito de identidade metamorfose de Antônio Ciampa e levando em consideração as matrizes de gênero que permeiam os estudos sobre identidade, buscamos compreender os aspectos relacionais que influenciaram as transformações fundamentais no projeto de vida de Diana para que assumisse sua identidade política: a Mulher Maravilha que todos nós conhecemos.

Palavras-chave: Psicologia Social. Cinema. Identidade. Identidade política. Projeto de vida. Mulher Maravilha

ABSTRACT

The film Wonder Woman (2017) was responsible for taking millions of people to the movies. This is the story of the greatest comic book hero of all time: Diana, the princess of the Amazons and daughter of Hippolyta, who by saving Steve Trevor on Paradise Island, accompanies him to London, participating in World War II and becoming Wonder Woman. But who is the Wonder Woman and what paths did this character take to become the female heroine most admired by men and women? It is exactly the analysis of the Wonder Woman's identity process in the 2017 film to which the present work is proposed. Through the concept of metamorphosis identity of Antônio Ciampa and taking into account the gender matrices that permeate the studies on identity, we sought to understand the relational aspects that influenced the fundamental transformations in Diana's life project to assume its political identity: Wonder Woman that we all know.

Keywords: Social Psychology. Movie theater. Identity. Political identity. Life project. Wonder Woman

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Diana e as amazonas	28
Figura 2: Diana em treinamento	28
Figura 3: Diana salva Steve Trevor	30
Figura 4: Diana conversa com Steve Trevor	30
Figura 5: Diana vai embora com Steve	31
Figura 6: Diana e Steve conversam no barco	32
Figura 7: Diana chega a Londres	33
Figura 8: Diana vai às compras	34
Figura 9: Diana discute com os generais.....	34
Figura 10: Diana vai à guerra	36
Figura 11: Diana luta pela primeira vez.....	36
Figura 12: Diana se apaixona por Steve.....	38
Figura 13: Diana se decepciona com a humanidade	39
Figura 14: Diana descobre que é filha de Zeus	39
Figura 15: Diana derrota Áries	40
Figura 16: Diana analisa suas vivências 1	41
Figura 17: Diana analisa suas vivências 2.....	42

SUMÁRIO

1 QUEM EU SOU (?)	12
1.1 Objetivos.....	14
1.1.1 Objetivo geral.....	14
1.1.2 Objetivos específicos.....	14
2 METAMORFOSE AMBULANTE	15
2.1. Identidade é metamorfose.....	15
2.2 Papel social e Projeto de Vida: transformando-se	17
2.3 Em busca da Identidade Política	18
3 COMO NOSSAS MÃES.....	20
3.1 Mulher Maravilha, Cinema e os estudos sobre identidade.....	20
3.2 Mulher Maravilha e o ‘ser mulher’	22
4 CAMINHOS	26
4.1 Informações e fontes	26
4. 2 Procedimentos.....	27
4. 3 Recursos utilizados.....	27
5 DIVINA MARAVILHOSA	28
5. 1 Na Ilha Paraíso: a formação do papel social.....	28
5. 2 Diana conhece uma nova perspectiva: elaborando um projeto de vida	30
5. 3 Diana em Londres: questões de gênero e políticas de identidade.....	33
5. 4 Diana na guerra: construindo uma identidade política	36
5. 5 Finalmente Mulher Maravilha: a identidade metamorfose	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46
FILMOGRAFIA	48

1 QUEM EU SOU (?)

*“Nunca sofra por não ser uma
coisa ou por sê-la”
Clarice Lispector*

O estudo dos processos identitários sempre foi de cara importância para a Psicologia como ciência, e o termo identidade sempre despertou interesse de pesquisadores da área Social. Porém até hoje o termo incita discussões e discordâncias quanto ao seu significado e aplicação. Quando se pensa em identidade, automaticamente se pensa na expressão de um ser sendo quem ele é. Como se mostra, o que faz, o que diz, quais as atitudes que toma, as escolhas que faz e o modo de vida que segue. É interessante perceber que quase a maioria das vezes esse pensamento leva a uma ideia estática do que e quem um indivíduo é, de como ele se apresenta em determinado momento da vida.

Durante muito tempo, quando diversas abordagens da Psicologia estavam ainda atreladas ao modo convencional de pensar o indivíduo e seu desenvolvimento, era comum apresentar um ser humano que evolui apenas até um determinado ponto. Estudar sobre a identidade seria, naquele momento, estudar sobre permanência, estabilidade, inflexibilidade (CIAMPA, 1987). Dentro do campo teórico da Psicologia social, o termo identidade foi historicamente pesquisado como sinônimo de personalidade, vindo daí o caráter duro e imutável que era empregado ao conceito (LAURENTI e BARROS, 2000). E ainda nos dias de hoje, a identidade é vista pelo senso comum como algo pertencente a quem possui um certo grau de imutabilidade: “Fulano tem opinião forte, esse sim tem identidade”. Ciampa (1987), no entanto, alerta para a fluidez do processo identitário. Para ele, a identidade é mais que um conceito, é uma transformação do indivíduo humano através da vida, ou seja, não há ou haverá um momento em que a identidade estará plenamente formada e sim continuará em mutação através das expressões de subjetividade relacionadas as experiências individuais e sociais. Ciampa defende a identidade como metamorfose.

Falar de identidade é também falar de pessoas, de processos e relações sociais que se constroem a partir de um contexto cultural e histórico. Ora, que outra forma de expressão artística mais tem descrito, apresentado, mostrado e tocado pessoas em suas relações sociais durante o último século que o Cinema? O Cinema, desde seu aparecimento ainda no século XIX com os irmãos Lumière, tem trazido uma gama de personagens para a apreciação de milhares de espectadores no mundo inteiro. Personagens que são indivíduos com identidades ricas, dramáticas, fortes e até mesmo medíocres. Através deles, um misto de emoções e

possibilidades é apresentado. Esses personagens, ainda, não se apresentam solitários, são todos parte de algo maior, de uma sociedade. Podendo-se afirmar que são as primeiras representações desta última. São essas representações que interessaram a Psicologia desde que os filmes se tornaram entretenimento das massas. De uma vez que relações sociais e históricas são base de nossa construção como indivíduo (LANE, 1983), os personagens dos filmes podem e devem ser instrumentos de análise em pesquisas sobre identidade.

Ao se interessar pelos personagens de filme, a Psicologia e as demais Ciências Humanas reconhecem que há uma relação de representatividade muito forte envolvendo espectador e personagem (CODATO, 2011). Principalmente quando esse personagem se trata de um super-herói. Ao ver o Batman em ação, telespectadores comuns vibram com a força, o poder, a persuasão de um ídolo, que representa a riqueza como um superpoder, já que não possui nada que seja sobre-humano, possuindo apenas tecnologia comprada e fabricada com altas somas de dinheiro. Quando o Super-Homem é chamado para salvar mais uma vez o mundo, ninguém imagina que ele possa recusar. Ele representa força e virilidade. Se o Homem-Aranha sempre está tentando conquistar Mary Jane é porque isso “faz parte de sua natureza”. Ele ainda é um estudante que realiza testes em laboratório. Representa romance e inteligência. A verdade é que a maior parte das pessoas vê e imagina super-heróis apenas por aquilo que eles representam: um modelo completo de pessoa, um ser humano pronto que tem uma história, mas que possui uma ‘identidade’, um jeito peculiar, um “é assim”. Muitos se surpreendem quando em algum momento, em uma situação qualquer, seu herói toma uma decisão alheia à sua imagem. Quando sua imagem não compactua com a linha de vida que ele sempre seguiu. É através de seus heróis que a sociedade ocidental se vê. E pensando desta forma, o presente trabalho apresenta a proposta de análise do filme Mulher Maravilha de 2017 a partir do conceito de identidade fornecido pela Teoria da Identidade de Antonio Ciampa, em Psicologia Social.

No filme Mulher Maravilha, de 2017, vemos a vida de Diana, inicialmente uma princesa amazona forte e inteligente, nascida na Ilha Paraíso, e criada entre outras amazonas, longe dos homens. Quando encontra o piloto Steve Trevor, que após um acidente cai na referida ilha, Diana decide partir com ele porque acredita que seus poderes podem ajudá-lo na guerra e reestabelecer a paz no ocidente. Princesa Diana se torna Diana Prince quando chega ao lado de Trevor à Inglaterra. É ao longo do filme que se percebe que, nem sempre, Diana foi a Mulher Maravilha, ou seja, que a identidade que dá nome ao filme, levou um longo processo de construção e, ainda assim, não está concluída. Nesse sentido, podemos perceber que o filme retrata a construção de identidade de um indivíduo (Diana - Mulher Maravilha),

mostrando-a como um processo, tal qual expõe Ciampa em suas pesquisas sobre identidade. Ciampa (1993) defende que o conceito de identidade não pode ser visto como um 'estar' e sim como um processo. É um processo que prevê metamorfoses e adaptações. Um processo que não deve ser visto apenas como questão científica, mas também como questão política (CIAMPA, 1993, p. 243).

Portanto, sendo o processo de construção da identidade de muito valor não apenas para a Psicologia e Ciências Sociais, mas também para as discussões filosóficas, políticas, e até religiosas sobre gênero, alteridade e vivência em sociedade; sendo o Cinema não somente um registro das relações sociais e expressões identitárias do ser humano, mas ainda instrumento científico, expressão cultural, memória e representatividade deste e, havendo um diálogo entre Cinema e Psicologia Social no que tange às representações sociais e do indivíduo, o trabalho aqui apresentado se justifica através da relevância em observar e analisar o processo identitário do personagem Mulher Maravilha, visto que ele se apresenta fértil e é um exemplo de interpretação do conceito de identidade como metamorfose que aqui iremos discorrer.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo geral

Compreender o processo de construção identitária do personagem Mulher Maravilha sob o enfoque da Teoria de Identidade de Antonio Ciampa em Psicologia Social.

1.1.2 Objetivos específicos

- Analisar o filme Mulher Maravilha a partir do conceito *identidade metamorfose*
- Identificar acontecimentos determinantes na construção identitária da Mulher Maravilha
- Discutir a importância das questões de gênero nas relações sociais para a construção da *identidade política* da Mulher Maravilha

2 METAMORFOSE AMBULANTE

*“Preciso ser um outro para ser eu
mesmo”
Mia Couto*

2.1. Identidade é metamorfose

Discutir identidade enquanto categoria de análise implica abordar diversos aspectos sociais contextuais sob os quais o conceito foi fundamentado. Nesse trabalho, iremos utilizar a proposta de Antonio Ciampa, expoente da Psicologia Social que compreende identidade como um processo dado à multiplicidade de expressões e à mutabilidade, ou seja, algo não estático nem conclusivo. Ciampa e Dantas (2014) apresentam o processo de individuação humana viabilizado pelas relações sociais, no sentido que o indivíduo só “se acha”, se reconhece no mundo, através de suas expressões de subjetividade com outros indivíduos. Não vemos nenhuma novidade até aqui, afinal, durante décadas as Ciências Humanas e Sociais reconhecem que a “humanização” do ser humano apenas ocorre dentro de uma sociedade, cultura e tempo histórico (HALL, 1997). No entanto, essas mesmas ciências, ao analisarem a categoria identidade, a classificavam como algo interno, meramente psíquico e que tinha certo período de formação. Era comum que se pensasse que na idade adulta, a identidade de um indivíduo já estaria de todo formada (JACQUES, 1998). O termo personalidade foi utilizado por muito tempo e por muitos estudiosos como idêntico à identidade, inclusive pesquisas sobre diversos tipos de personalidade eram incentivadas em todo o mundo, resultando em uma psicologia da personalidade de cunho até mesmo eugenista, já que buscava adaptar (e até mesmo afastar) o ser humano à sociedade através da listagem de “boas e más” personalidades. Diversos estudos psicológicos também conduziam à uma concepção adaptativa do sujeito através do uso dos “bons tipos” de personalidade.

No entanto, identidade se trata de uma categoria maior e mais profunda que personalidade, podendo englobar esta. É no processo de desenvolvimento que Ciampa vai encontrar material substancial para sua teoria da identidade. É observando as histórias de vida de pessoas comuns que ele propõe o movimento e mutação dos processos identitários (CIAMPA, 1993). Cada pessoa tem sua própria identidade, ou melhor, a sua construção da mesma. Porque identidade, conforme abordamos aqui, não é uma conclusão e sim uma construção. *Identidade metamorfose*, como propõe o autor já citado, diz do movimento de articulação entre as igualdades e diferenças que uma pessoa encontra ao longo da vida. É

nesse movimento que ela se constrói como indivíduo: toda e qualquer relação social se dá dentro do paradigma da aceitação e da não aceitação seja de características individuais ou de formas de se relacionar com o outro. Dentro dessa dialética está a construção da identidade. É a medida que se relaciona, que o indivíduo se mostra, aparece, se “é”: “A identidade se concretiza na atividade social” (CIAMPA, 1993, p. 86).

É através dessa concretização, isto é, da vivência do ser no mundo que ocorre a transformação subjetiva e objetiva do sujeito. A fluidez da identidade se dá no ser do ser humano e também no que ele não é ou não será. Propor identidade como metamorfose é projetar um “vir-a-ser” humano na possibilidade do cumprimento de inúmeros papéis sociais e também no não cumprimento de outros. Uma pessoa não é apenas a pessoa-trabalhador (papel social no âmbito de trabalho), mas também pode ser a pessoa-pai (papel social na instituição família), pessoa filho (papel social também no âmbito familiar, mas com outros tipos de obrigações), pessoa-amiga (papel social de relação afetiva) e inúmeras outras que poderá vir-a-ser. Essa multiplicidade de formas de existência, assim como a possibilidade de modificação e transformação do sujeito a partir do seu atuar no mundo que vemos no filme *Mulher Maravilha*. A heroína cheia de poderes é também a mulher Diana Prince, um sujeito cheio de dúvidas, de ideias e também de ideais. Em dados momentos questiona a humanidade e todos os seus atos. E é esse indivíduo que se metamorfoseia, que age, que não age, que quer e quer não quer, que o conceito de *identidade metamorfose* abarca. Metamorfose aqui, é possibilidade do ser e do não ser, algo que só se pode empreender na vivência do sujeito em sociedade, podendo nele manifestar seus inúmeros “personagens”. Esses personagens são, com efeito, a plasticidade da categoria identidade como proposta por Ciampa, determinadas condições sociais determinam o aparecimento de alguns, outras condições implicam no desaparecimento de outros: “As identidades, no seu conjunto, refletem a estrutura social ao mesmo tempo em que reagem sobre ela, conservando-a (ou transformando-a)” (CIAMPA, 1993, p. 171). Ainda sobre a identidade metamorfose, o referido autor a configuram como parte contínua de uma história de vida.

Uma identidade aparece como uma articulação de várias personagens, articulação de igualdades e diferenças, constituindo, e constituída por uma história pessoal. Identidade é história. Isto nos permite afirmar que não há personagens fora da história, assim como não há história (ao menos história humana) sem personagens (CIAMPA, 1993, p. 157).

Somente vivenciando o conjunto de transformações que acontecem ao longo de sua história e os compreendendo é que o (ou os) personagem(s) ali contido(s) pode(m) empreender um *projeto de vida*.

2.2 Papel social e Projeto de Vida: transformando-se

A partir da perspectiva de que todo ser humano é um ser social, sabe-se que é através do viver em sociedade que ele construirá um modo de vida e é nessa construção que ele exercerá seus diversos papéis sociais. Para a Psicologia Social, o papel social de um indivíduo se caracteriza pelas diversas regras, formas, deveres e direitos necessários para se relacionar em determinado ambiente.

Os papéis sociais atribuídos ou conquistados têm em vista a interação social e resultam do processo de socialização. Parece haver uma relação ao seu oposto, pois qualquer organização surge em oposição a uma possível desorganização. Os papéis sociais conferem um status determinado que não é problematizado pelos que recebem tais classificações e atribuições. Os comportamentos se adaptam se conformam e se confundem. Estes mesmos papéis sociais têm relativo valor e significados atribuídos pela sociedade (MARTINS, 2010, p. 43).

São os diversos papéis sociais coexistindo em uma sociedade que formam a estrutura da mesma. Dessa maneira, sociedades diferentes podem atribuir a diferentes tipos de indivíduos o mesmo papel social, ou retirar a possibilidade de existência do mesmo. No filme *Mulher Maravilha*, percebe-se nitidamente as mudanças de papéis sociais ao colocarmos lado a lado a sociedade londrina e a sociedade da cidade de Themiscyra, na Ilha Paraíso onde nasceu Diana. Nessa última, enquanto mulheres podiam exercer todos os tipos de funções e exercer todo o tipo de trabalho, ao chegar a Londres, Diana se depara com a quase impossibilidade das mulheres de exercer diferentes tipos de profissões e atuar em diversos papéis sociais. Há uma mudança de quem Diana era e podia ser para as possibilidades que ela possuía agora, um número desvantajosamente menor.

Tanto comportamentos, atividades e profissões podem constituir determinados papéis sociais, como também sentimentos e pensamentos (COSTA, 1987, p.54). Para que as relações sociais se mantenham em uma sociedade, se faz necessária a rigidez de certos papéis sociais. Freud, em *O Mal Estar na Civilização* (1996), já apontava para essa imposição e para a pressão absurda que é viver em sociedade. O ser humano para estar incluso e fazer parte do status quo da cultura em que está inserido, precisa abrir mão de diversos sonhos e planos individuais e se apropriar daquilo que a sociedade (igreja, família, grupo de amigos) acredita ser o melhor, o normal e o saudável, ou seja, utiliza-se o padrão hierarquizante e uniformizante da nossa civilização ocidental atual para declarar um ingênuo “bem comum”.

Então, como transformar-se se a sociedade em que vivemos impõe um padrão? Como a identidade pode adquirir o status de metamorfose se o que menos se incentiva no mundo moderno é a mudança? Como não viver e ser sempre da mesma forma se é quase

impossível encontrar aberturas para a fluidez da própria identidade? Não existem respostas para todas essas perguntas, porém Dantas e Ciampa (2014) propõem uma saída. Para eles, um sujeito que assume responsabilidade sobre os próprios caminhos e sobre as próprias decisões, que toma conhecimento de suas necessidades para o próprio bem-estar e entende a implicação dos seus atos na vida em sociedade, tem mais chances de ultrapassar os padrões sociais paralisantes, ou seja, é preciso haver um “projeto de vida consciente e autonomamente construído pelo sujeito” (DANTAS e CIAMPA, 2014, p.142). O *projeto de vida* é a categoria sob a qual toda identidade se transforma e se projeta. Se o indivíduo possui um projeto de vida, ele tem condições de analisar suas vivências e questionar os papéis sociais que lhe foram impostos, assumir uma posição de protagonista da própria existência e modificar o que lhe impede de viver de maneira satisfatória. Os projetos de vida não são estáticos, eles podem mudar e transformar-se conforme as práticas sociais do sujeito. No filme aqui analisado, a protagonista inicialmente possuía um projeto de vida, que era salvar a humanidade das mãos do deus da Guerra, Áries. Ao chegar a Londres, entrar na guerra e perceber que muito do que acreditava não era real ou passível de mudança, Diana se dá conta de que precisa de algo no qual acreditar. A partir disso, sua forma de agir e seus propósitos mudam. Há uma mudança do projeto de vida e uma mudança na pessoa. Mudanças essas que são possíveis através da elaboração de um novo projeto de vida e, a partir desse, o indivíduo assume sua *identidade política*.

2.3 Em busca da Identidade Política

O que aconteceria quando um indivíduo, possuindo um projeto de vida e compreendendo todas as metamorfoses e transformações que passou em sua história de vida, utilizasse tais conhecimentos na sociedade em que vive? Segundo Dantas e Ciampa (2014), nasceria então sua *identidade política*. Essa identidade seria definida por sua atuação em lutas pela emancipação de grupos sociais que estiveram ou estejam perpassados por tecnologias de opressão. Para que seja mais bem entendida a identidade política, é necessário compreender que vivemos em uma sociedade que nos atribui *políticas de identidade*.

Políticas de identidade são dispositivos impostos no meio social que obrigam determinado grupo a agir de uma determinada forma. Uma espécie de *status quo* grupal que soa como identidade, porém, diferente desta, retira a autonomia do sujeito e o paralisa no seu processo de construção identitário. Exemplos de políticas de identidade são os diagnósticos de transtornos mentais e psicológicos e também os estereótipos atribuídos a determinados grupos

sociais. Quando se afirma “eu sou louco”, ou “eu sou depressivo”, ou “eu sou marginal”, a identidade atribuída a essas afirmações corresponde a uma estigmatização, paralisação da ação do sujeito que agora é visto como representante daquele grupo, e, portanto, apenas um personagem agindo segundo o que se espera. A Mulher Maravilha também possuía um estereótipo no qual poderia ter fixado a identidade: era filha de Hipólita, princesa das amazonas, tudo o que se esperava dela era que reinasse ao lado de sua mãe e permanecesse em Themiscyra por toda sua vida, mas Diana não se acomodou ao papel social que lhe fora imposto desde o nascimento. Ela sabia quem era, mas tomou decisões que a levariam a ser quem queria ser: alguém que promove mudanças. É preciso pensar para além das políticas de identidade, já que todo indivíduo humano vivendo em sociedade, uma ou outra hora será subjugado por esses dispositivos. A *identidade política* está na compreensão do sujeito de si mesmo e de sua história de vida, na construção de um projeto de vida e na percepção de que a mudança da sociedade e de si mesmo se dá na sua atuação e relação com o outro. Assumir uma identidade política é, sobretudo, identificar-se com o outro, mesmo quando diferente.

Uma identidade política é aquela que conjuga igualdade e diferença. Requer que o indivíduo em seu processo de socialização busque associação a grupos, ideias, causas que lhe deem sustentação, sem aprisioná-lo em eventuais políticas de identidade imposta ao/pelo grupo. Dessa forma, o indivíduo encontra espaço para o exercício de sua autonomia, por meio de seu processo de individuação (DANTAS E CIAMPA, 2014, p. 142).

Nesse momento, é fácil perceber, segundo a teoria de Ciampa, que autonomia (termo usado e geralmente cunhado como sinônimo de independência e individualidade) mesmo, só com participação de outro!

3 COMO NOSSAS MÃES

*“Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta,
anunciou: vai carregar bandeira,
vai ser coxo na vida, é maldição
para homem. Mulher é
desdobrável. Eu sou.”
Adélia Prado*

3.1 Mulher Maravilha, Cinema e os estudos sobre identidade

A Mulher Maravilha surgiu em dezembro de 1941, na revista de número 8 da All Star Comics, nos Estados Unidos. Era uma heroína de história em quadrinhos. Usava uma roupa extremamente ousada para a época: um bustiê/top vermelho, uma saia azul com estrelas brancas e um cinto branco, parte do colo e das pernas ficava à mostra. Usava boas vermelhas e trazia o cabelo negro cortado um pouco abaixo do pescoço. Também usava uma tiara amarela e braceletes dourados. De lá para os dias atuais, a roupa foi o que mais mudou, mas, a Mulher Maravilha continua sendo a representação dos princípios para os quais foi criada. E por que foi criada? Como permaneceu tanto tempo a maior heroína de todos os tempos sem sequer um filme, e em contrapartida uma quantidade estrondosa de filmes com heróis masculinos? Por que ainda é um sucesso? E o que tem ela com Psicologia e, ainda mais, com os estudos sobre identidade?

Para que essas perguntas sejam respondidas ou ao menos, direcionadas a outro caminho, deve-se pensar no momento histórico em que a heroína mais famosa de todos os tempos apareceu. A Mulher Maravilha não poderia ganhar vida em melhor hora: Segunda Guerra Mundial, estudos psicológicos para detecção de mentiras em depoimentos, luta pelo sufrágio feminino e ainda pelo controle de natalidade, ascensão mundial do cinema, aumento das mulheres no mercado de trabalho e aceitação das mesmas em universidades (LEPORE, 2017). Mais ainda, a Mulher Maravilha foi criada por um psicólogo que se inspirou em suas duas mulheres (ele era não-convencional) feministas. O psicólogo William Moulton Marston, ao desenvolver a mulher que seria a heroína mais famosa dos quadrinhos, quis mostrar ao mundo uma nova espécie de mulher: inteligente, feminista, que luta pelos seus direitos, que não precisa de homens, mas que também é bonita e atraente. Em uma época como aquela, já era um grande avanço possuir uma heroína, e extremamente inovador, uma heroína feminista!

Ainda um pouco antes do nascimento da Mulher Maravilha, psicólogos já estavam estudando as relações humanas através do Cinema. Para eles, aquela arte era completa ainda

que o cinema naquele momento fosse mudo. Também não é difícil de entender o porquê do interesse, a raiz da relação entre espectador e os filmes se concentra na valorização da representação da realidade: ainda que não fosse real, representava bem os acontecimentos reais. Prova disso é que hoje filmes e documentários servem de instrumentos para as mais diferentes pesquisas. Logo, num momento como aquele: “o cinema era uma forma de expressão artística totalmente nova -assim como os quadrinhos viriam a ser- que os psicólogos tinham como observar desde o início e utilizar para realizar experimentos sobre como as obras da mente são escritas sobre o corpo” (LEPORE, 2017, p. 59). O Cinema, lido dessa forma, permitiria ao espectador a experiência de subjetivação, o reconhecer-se através dos personagens ali expostos. Para Copque e Nova (2009), a construção fílmica, ou o que podemos chamar de interpretação, é construída pela relação do espectador com o filme e o contexto social que está inserido, logo, para a Psicologia Social, o Cinema trouxe mais uma forma de análise do indivíduo e sua relação com o meio em que atua.

Ao aproximarmos o Cinema da Psicologia, nos deparamos ainda com várias outras perguntas. Seria a análise de um personagem comparável à análise de um indivíduo real? Como poderia um filme dar suporte para generalizações na vida real? Por que estudar determinado processo através de um exemplo fílmico? Diante de tudo o que já foi falado, é preciso levar em consideração toda a história do Cinema e de como ele veio a vir a ser, nos dias de hoje, uma das formas de arte mais consumidas. Desde que surgiu no século XIX, o aprimoramento do Cinema (e de seus personagens) atingiu um alto nível de qualidade, que passou a ser utilizado em estudos e pesquisas, e começou a ser considerado a forma de arte mais próxima ao real. É certo que não se trata apenas de assistir, de ver, mas de representar uma sociedade, seja ela atual, passada ou até imaginária. É preciso dizer ainda que os personagens de Cinema possuem uma riqueza que extrapola a tela, eles “atingem a uma validade universal que em nada diminui a sua concreção individual; e mercê desse fato liga-se na experiência estética, à contemplação, a intensa participação emocional” (CANDIDO, et al., 2011, p. 36), chegando muitas das vezes à superpor a realidade (CANDIDO, et al., 2011). O Cinema passa aqui a ser não somente um instrumento, mas também um objeto de transformação. Ao servir de representação ele também atua como agente transformador de uma sociedade. A heroína que estamos aqui analisando não é somente uma personagem, mas, ao ser assistida por milhões de mulheres no mundo, torna-se a representação da possibilidade de existência de uma mulher forte, empoderada, questionadora de papéis sociais e modificadora de padrões estigmatizantes impostos a tantas mulheres contemporâneas.

A Mulher Maravilha, quando nasceu e ainda hoje, assim como o Cinema, é a representação de um contexto histórico. Estudar Mulher Maravilha é estudar identidade, já que ela é a de sua época. A personagem é uma amazona, criada na Ilha Paraíso por Hipólita, longe dos homens e em uma sociedade só de mulheres. Sua história, se remontarmos aos quadrinhos, é rica e cheia de momentos passíveis de reflexão. Nesse trabalho, analisamos a Mulher Maravilha do cinema, de como passou de uma princesa em uma ilha de mulheres, a uma heroína da paz e dos direitos humanos. O processo para se tornar a Mulher Maravilha, identidade política de Diana Prince, porém sempre em mutação, já que a heroína é imortal e já vive há muito tempo em nossa sociedade ocidental.

Se na vida real analisar o processo identitário de alguém pode se tornar uma tarefa um tanto quanto caótica e difícil, o Cinema por sua vez permite a aproximação, a análise e mais, a identificação dos acontecimentos que proporcionaram a transformação da identidade de um personagem (CODATO, 2011). A Mulher Maravilha do filme de 2017, é um personagem totalmente em construção, que sai de um contexto histórico e social onde estava habituado para outro contexto, totalmente novo, estranho e instigante. Através das 2 horas e 29 minutos em que Diana Prince se transforma em Mulher Maravilha, podemos perceber a importância das relações sociais e das modificações políticas para um processo de formação de identidade. Do momento que chega ao Ocidente, parte para Guerra, perde o companheiro, vence e se torna a guerreira que conhecemos, fica claro que a personagem está em processo de constante metamorfose, sendo afetada e afetando o meio que vive. O filme traz, dessa forma, um estreitamento entre a utilização de elementos cinematográficos e as análises e pesquisas em Psicologia.

3.2 Mulher Maravilha e o ‘ser mulher’

Escrever um trabalho sobre a maior heroína de todos os tempos é escrever sobre mulher e para mulheres. Não há como dissociar a identidade de um personagem (aqui lido como o ator de uma obra ficcional) ou de um indivíduo de sua maneira de se inscrever no mundo. Diana é uma mulher nascida em uma ilha de mulheres e socializada por elas. Tudo o que aprendeu, tudo que sabe e acredita foi ensinado a ela por outras mulheres. Ela tem conhecimento de que existe outro sexo, porém, até o dia em que conhece Steve Trevor, só esteve entre mulheres. Essa personagem é fruto de um momento histórico e de uma mente que concebia que mulheres precisavam se libertar das amarras sociais às quais estavam subordinadas e podiam ascender de maneira a serem heroínas de sua própria história. Para

percorrer e analisar o caminho levado por Diana para se tornar a Mulher Maravilha, para que esse processo identitário seja compreendido, precisamos antes de tudo entender o contexto atual da mulher em nossa contemporaneidade.

Sabe-se que o uso do termo *gênero* não remonta às fundamentações biológicas, e sim às construções feitas ao longo dos séculos sobre a determinação dos papéis sociais a partir do sexo do indivíduo. As relações de gênero foram firmadas em ideias sociais e culturais que sempre ditaram como homens e mulheres deviam se comportar. No Ocidente, homens e mulheres foram postos em oposição com fundamentos que colocavam as raízes biológicas de diferença como motivo para uma visão fragilizante do sexo feminino. Todo um sistema patriarcal foi construído através da exaltação da “força masculina” em contraposição a “fraqueza” feminina. Durante muito tempo foi negado às mulheres o direito de serem vistas como cidadãs e de participarem de discussões e reformas políticas. Participar de uma guerra, então, nem era possível ser imaginado para uma mulher. É certo que houve muitas que quebraram as regras e conseguiram se destacar em meio aos homens, mas somente em meados do século XIX, as mulheres começaram a ser vistas e passou-se a considerar a probabilidade delas poderem obter conhecimento intelectual e participarem das decisões de um país como cidadãs. Ainda no começo do século XX, mulheres eram consideradas propriedade de seus pais e maridos e não eram incentivadas a ler, se o fizessem, seria apenas para acompanhar os possíveis maridos em conversas mais profundas. Butler (2017) argumenta que como herança histórica do sistema patriarcal em que estamos inseridos, a assimetria entre “machos” e “fêmeas” promove às mulheres contemporâneas a visão inferiorizada de si mesmas. O binarismo ocidental faz da “guerra dos sexos” uma grande fonte de entretenimento e manutenção do status quo, de modo que, por mais que tenhamos avançado muito em relação às nossas antepassadas, ainda vivemos e somos controladas por uma cultura onde mulheres são diariamente inferiorizadas, humilhadas, violentadas e mortas apenas pelo fato de serem mulheres.

Pensar em identidade é também pensar em gênero, a partir do pressuposto que a forma como o indivíduo se vê e é visto tem muita ou total relação com o gênero que lhe é atribuído ou o qual se identifica. Porém, “a matriz cultural por meio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de “identidade” não possam existir” (BUTLER, 2017, p. 44), ou seja, algumas formas de existir, mesmo nos dias de hoje, são vistas como erradas, patológicas e impossíveis, não porque de fato sejam, mas porque os dispositivos normatizadores da máquina social assim os classifica.

O Cinema também atua como “mais um dispositivo de normatização, fomentando máscaras identitárias de ação e recomposição permanente do eu” (PERRONE E ENGELMAN, 2008, p. 106) por muitas vezes utilizando a imagem feminina como propaganda da sociedade patriarcal, depreciando a visão de uma mulher forte e decidida e colocando esta como coadjuvante da vida de um homem ou como um ser de caráter frágil e sentimental, eis aqui a nossa crítica; mas é verdade que muitas outras vezes o Cinema consagrou diversas figuras femininas, atuando dessa maneira como instrumento de modificação das massas, que propõe uma recomposição da estrutura patriarcal em que vivemos, dando possibilidades de construção de um projeto de vida e incitando a busca de uma identidade política. O filme *Mulher Maravilha* (2017) é um exemplo disso. Construído em volta de uma personagem feminina forte, corajosa, politicamente ativa e inteligente, ele traz uma lufada de vento nas nossas tão empoeiradas referências femininas que, apesar de serem muitas, acabam esquecidas nas prateleiras da História.

A *Mulher Maravilha* não nasceu *Maravilha*, ela teve que construir essa identidade ao longo de todo um aprendizado no “mundo dos homens”. Assim como demonstra Dantas e Ciampa (2014), Diana se tornou aquilo que seu projeto de vida a guiou para ser, projeto esse que só pôde ser posto em prática quando ela confrontou os padrões de gênero que encontrou ao chegar a Londres. Simone de Beauvoir (2017) também defendia que o processo identitário é um longo vir a ser, ao dizer que ninguém nascia mulher, mas tornava-se mulher. Ela chamava atenção para o fato de que existe um sistema cultural que define um ‘papel da mulher’, e que desse papel se espera um determinado ‘agir feminino’. Assim como Dantas e Ciampa (2014) abordam as políticas de identidade, que acabam por manter o sujeito ligado e, de certa forma, estereotipado e definido em um determinado status, Beauvoir aponta para a existência das estereotípias e de definições que marcam a mulher ocidental ao longo da História, impedindo-a de ascender socialmente e possuir paridade com os homens. Percebemos assim que o papel social que se espera que as mulheres desempenhem em nossa cultura passa pela própria demarcação de quem ela é e do gênero que lhe foi atribuído, uma vez que aquelas que não correspondem ao esperado são punidas socialmente.

Ao analisarmos o filme *Mulher Maravilha* (2017) no presente trabalho, levaremos em conta as demarcações que separam e diferenciam os gêneros, situando a personagem no momento histórico em que ela vive e que é definido pela influência que o ser mulher causa no processo identitário de um indivíduo. Diana é mulher, e, mais ainda, é uma mulher que foi socializada por mulheres, que viveu um período histórico onde uma mulher não se tornava soldado em uma guerra. Não há como analisar os caminhos que sua identidade percorreu se

deixarmos de lado as matrizes simbólicas que perpassam seu corpo feminino e suas atitudes, já que o mundo social constrói cada identidade como um corpo marcado pele sexual e suas práticas sexualizantes, depositando em corpos masculinos e femininos os papéis que eles precisam desempenhar para a manutenção de uma engrenagem de dominação (BOURDIEU, 2017, p. 52-54). Em outras palavras, ser uma heroína e não um herói, se identificar como mulher e não como homem, faz sim, toda a diferença no que se refere à identidade. Aliás, essa é a diferença da Mulher Maravilha.

4 CAMINHOS

*“Eu não dei por esta mudança,
Tão simples, tão certa, tão fácil:
— Em que espelho ficou perdida
a minha face?”
Cecília Meireles*

De forma a dialogar os diversos saberes que se interligam nessa pesquisa, foi proposto uma discussão para além do meramente bibliográfico, mencionando ainda que foram utilizados para isso conceitos da Teoria de Identidade de Antônio Ciampa pareado à discussão do conceito social de gênero, uma vez que para ele “a questão da identidade, assim, deve ser vista, não como uma questão apenas científica, nem meramente acadêmica: é, sobretudo, uma questão social, uma questão política” (1993, p.122). Estabelecendo uma interface entre Psicologia e Cinema, a pesquisa documental foi a metodologia utilizada, uma vez que é um método que produz ciência enquanto a aproxima da comunidade não científica.

Logo, a pesquisa caminhou e foi construída de forma a alimentar o conhecimento trazendo a abrangência e flexibilidade de uma fonte não ortodoxa: um filme. Filmes, cartas, jornais, revistas, gravações, fotografias, entre outros, são para a análise documental a caracterização da busca de informações em documentos que ainda não receberam tratamento científico. Nesse sentido, a utilização de um desses documentos se dá na implementação de outro destino/sentido diferente daquele para o qual o material foi concebido (ALMEIDA, GUIDANI E SÁ-SILVA, 2009). No caso do cinema, para o entretenimento.

4.1 Informações e fontes

Através das interfaces anteriormente propostas, a principal informação que apresentaremos na presente pesquisa é o estabelecimento de relações entre o personagem da Mulher Maravilha do filme Mulher Maravilha, lançado no Brasil em Junho de 2017 sobre a personagem homônima da DC Comics, distribuído pela Warner Bros Pictures e o conceito de identidade metamorfose de Antônio Ciampa, discutindo essa relação à luz dos conceitos de gênero e identidade política da Psicologia Social. O foco dessa pesquisa foram as cenas do filme que puderam elucidar e representar essa relação e como o personagem já referido pôde exemplificar algumas nuances e processos da teoria aqui exposta.

4. 2 Procedimentos

A análise realizada nesse trabalho é de cunho qualitativo e por categoria temática. Bardin (1977, apud CAREGNATO E MUTTI, 2006) descreve os resultados de utilizar categoria temática como uma série de significações que o pesquisador apreende através de uma ligação com um significante antes pré-estabelecido. A categoria escolhida e também utilizada como unidade de análise para a presente pesquisa foi “acontecimentos metamorfoses”, ou seja, acontecimentos fundamentais para a formação identitária da personagem principal: a Mulher Maravilha. Foram feitas três leituras do filme. A primeira compreendendo um olhar livre sobre o filme, onde esse não foi pausado. A segunda compreendeu um olhar com pausas para anotações e categorizações das cenas em que apareceu a unidade de análise escolhida. Durante a terceira leitura do filme foram feitas as capturas dessas cenas a partir das anotações da segunda leitura.

Para a análise dos dados obtidos pelas três leituras, foram produzidas 17 figuras que utilizam sequências dessas imagens capturadas, essas figuras foram descritas e, a partir delas, foi feita a análise. O objetivo foi fazer uma discussão crítica e imparcial da personagem e da construção do seu processo identitário à luz da Teoria de Identidade já antes aqui mencionada, fazendo sempre uma ponte dos diálogos entre a Psicologia Social e o Cinema.

4. 3 Recursos utilizados

Computador
Impressora
Cartucho
Papel
Televisão
Internet
Pendrive

5 DIVINA MARAVILHOSA

*“Que um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
Você é seu próprio lar”
Francisco El Hombre em Triste, Louca ou Má*

Todas as pessoas passam por um processo de formação de identidade. Parece muito fácil e simples ser quem se é, mas, concebendo a identidade como aqui apresentada anteriormente, ou seja, como um vir a ser, mutável e emancipatório, percebe-se que o processo de aceitação de si mesmo pode perpassar por momentos de dúvida, indecisões e até mesmo de desconhecimento de si. Não é diferente o que se passa com Diana, no filme que aqui analisaremos. Serão analisadas e discutidas 17 figuras, todas elas compostas por imagens de momentos determinantes no processo identitário da Mulher Maravilha (2017). Essas figuras foram divididas em cinco tópicos maiores para que conversem entre si e possibilitem maior luz à discussão aqui apresentada.

5. 1 Na Ilha Paraíso: a formação do papel social



Figura 1: Diana e as amazonas

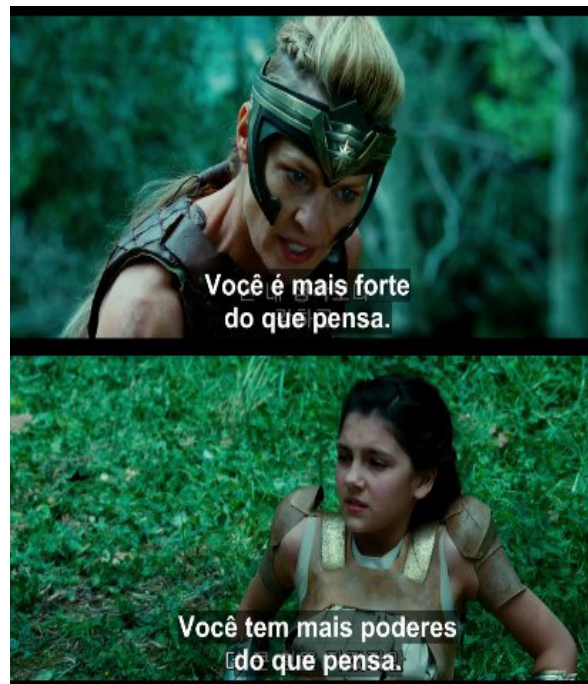


Figura 2: Diana em treinamento

O filme *Mulher Maravilha* se inicia com Diana contando sua trajetória, como em uma autobiografia. Logo nos primeiros minutos do filme, pode-se ver Diana ainda criança correndo pelas ruas da cidade de Themiscyra, na Ilha Paraíso (Figura 1). Nas ruas apenas mulheres, todas amazonas. Diana corre para vê-las treinando e logo sua mãe aparece. A mãe de Diana, Hipólita, a protege, não quer que treine com as outras amazonas, já que a menina é a princesa. Porém, ela, já determinada, inicia treinamentos secretos com a tia e General Amazona, Antíope. Nessas primeiras imagens, podemos ver a passagem de uma Diana criança para uma Diana adolescente, como mostram a figura 1 e 2. Mesmo vivendo entre mulheres poderosas e lutadoras, ela ainda é insegura (Figura 2) e obediente às ordens da mãe. Diana nesse momento ocupa o papel social de princesa e ainda de uma filha superprotegida. Ela tenta se encaixar e fazer o esperado, no entanto, já tem noções ainda que pequenas daquilo que quer se tornar. Diana quer ser uma lutadora, quer ser forte e usar as armas que os deuses deram de presente às amazonas.

Os papéis sociais, como já falado anteriormente, são representações sociais, e como representações, eles podem atuar como mantenedores de comportamentos padronizados, ou seja, determinantes nas relações de um indivíduo. Diana estava, de alguma forma, presa ao papel de princesa. Sua forma de se relacionar com outras amazonas não poderia ser de igual para igual, já que não treinava juntamente com elas e não lhe era permitido lutar. As características de uma determinada cultura são determinadas pela legitimação desses papéis sociais (OLIVEIRA, 2002), por isso o treino secreto com a tia, qualquer comportamento desviante da parte de Diana punha em xeque a vivência de todas as outras amazonas. Para vir a se tornar a *Mulher Maravilha*, seria necessário que Diana não só questionasse seu papel de princesa, como também saísse dele. Mas nesse momento do seu processo ela ainda não está preparada.

O que seria preciso para que Diana começasse a se questionar? A aspirar uma nova vida? Quais os dispositivos aos quais ela ainda não dispunha para que pudesse caminhar em direção da formação de um projeto de vida? Ciampa (1993) aponta que a constituição de uma história pessoal, a construção de uma identidade a partir de um projeto de vida só se dá através da vivência e das interações sociais. Até aqui, todas as relações de Diana estão pautadas na determinação de seu papel social e dele ela não consegue escapar, já que não há alternativas possíveis. “A identidade se concretiza na atividade social” (CIAMPA, 1993, p. 86), Diana precisa então de novas atividades, novas relações e até, de uma nova sociedade.

5. 2 Diana conhece uma nova perspectiva: elaborando um projeto de vida

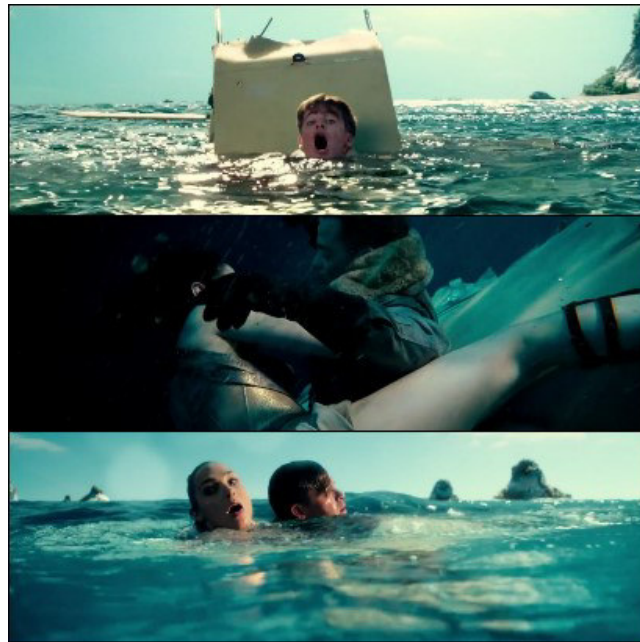


Figura 3: Diana salva Steve Trevor

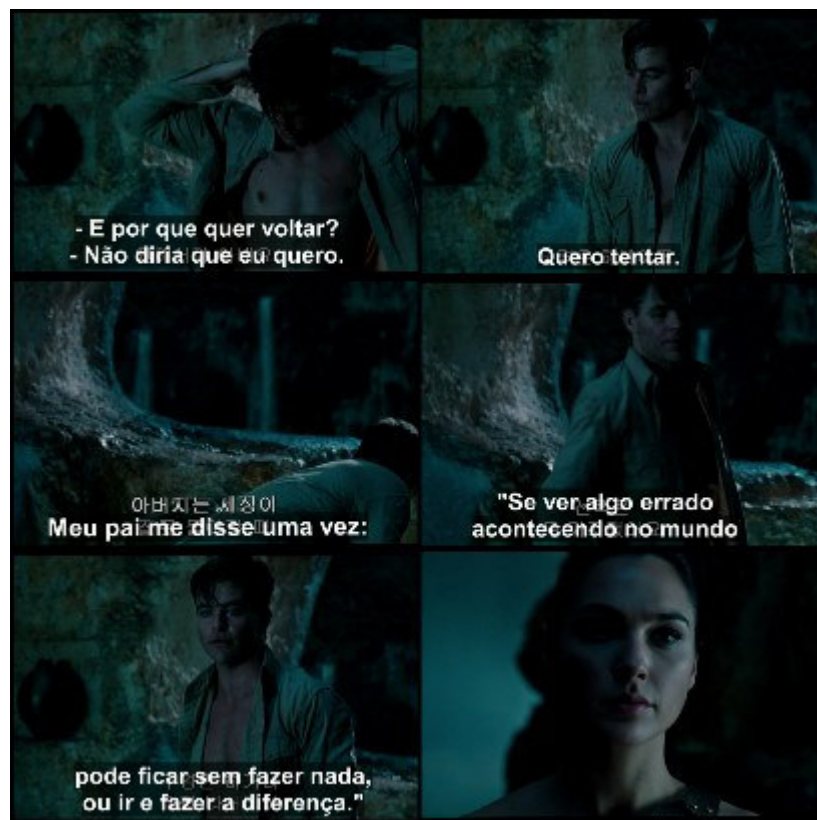


Figura 4: Diana conversa com Steve Trevor

Passados alguns anos, Diana aprende a lutar depois de ter sido liberada pela mãe. Agora é a guerreira mais forte de Themiscyra, mas jamais esteve verdadeiramente em um

combate. A vida de Diana começa a mudar no momento em que ela salva um piloto das forças aliadas do afogamento. O monomotor de Steve Trevor cai na praia da ilha e Diana mergulha para salvá-lo (Figura 3). Steve não sabe onde está e depois de ser salvo, se depara com os soldados alemães que o seguiram e passaram pelo mesmo portal que separa o mundo mortal da ilha das Amazonas. As guerreiras aparecem e lutam contra os soldados, Diana salva mais uma vez Steve da morte, porém, sua tia Antíope morre interceptada por uma bala alemã. É o primeiro contato de Diana com o mundo dos homens. Diana e as Amazonas levam Steve para se curar nas águas sagradas de uma fonte. Ao ver Diana na fonte, Steve a agradece por tê-lo salvado, porém, manifesta a ela o desejo de ir embora imediatamente, já que seu mundo estava em guerra. É aqui que se dá o início da transformação de Diana: ela não compreende por que Steve quer voltar, já que quase morreu. Steve lhe explica que ele não pode ficar parado, que precisa fazer algo (Figura 4).

Até então, nossa heroína não possuía um projeto de vida, vivia atrelada à sua condição determinante de princesa, com a chegada de Steve, Diana passa a tomar conhecimento de outras possibilidades. Dantas e Ciampa (2014) defendem que indivíduos que ainda não possuem ou não tem plena consciência de um projeto de vida, ao se depararem com outras realidades, tendem a questionar o próprio modelo de existência e a criar mais autonomia em suas decisões. Diana, ainda sem consciência do que realmente queria, ao conhecer Steve e tomar conhecimento de seu projeto de vida, começa a pensar sobre a própria existência e decide fazer novas escolhas.



Figura 5: Diana vai embora com Steve

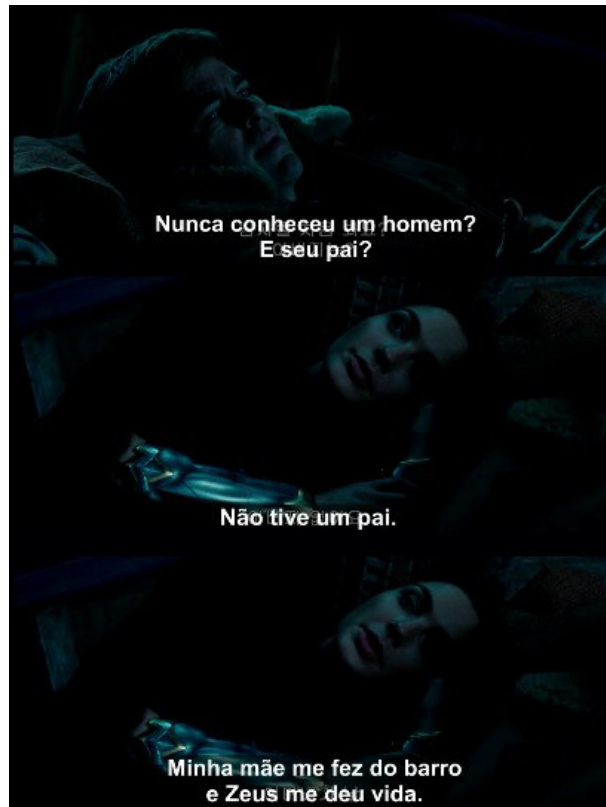


Figura 6: Diana e Steve conversam no barco

Depois da conversa que teve com Steve na fonte, Diana decide roubar as armas que os deuses forjaram como presente para as amazonas e fugir para lutar no mundo dos homens. Ela, ao se deparar com a mãe na hora da fuga, passa a confrontá-la (Figura 5) e vai embora no barco de Steve. Esse é um momento de grande importância na história de vida da Mulher Maravilha, pois é ele que marca a elaboração do projeto de vida inicial de Diana: salvar a humanidade matando Áries, deus da guerra, que ela acredita ser o motivo de todos os males humanos. Ainda que baseado em suas crenças iniciais e extremamente ambicioso, mesmo para uma guerreira de sua magnitude, é a partir da elaboração desse projeto de vida que Diana dá início ao seu rompimento com o sistema a qual estava atrelada e que lhe impedia de exercer uma identidade política. Dantas e Ciampa (2014) diriam aqui que Diana estava agora no caminho “das metamorfoses de identidade que encapam lutas por emancipação, onde o sujeito sai da lógica sistêmica e adota uma posição de protagonismo, a partir de um projeto de vida autônomo” (p. 150).

É preciso que se diga que entre a construção de um projeto de vida e a prática do mesmo há um período de desprendimento. O indivíduo não passa da atuação de um papel social determinante para a atuação de uma identidade autônoma e política sem antes aprender a desempenhar outros papéis, analisar as vivências que teve e compreender qual o seu novo lugar no mundo. Afinal, mesmo que determinantes, os papéis impostos por uma sociedade

dão a referência de subjetividade e individualidade que compõem a visão de si mesmo do sujeito (MARTINS, 2010). Diana, mesmo longe da Ilha Paraíso, refere-se a si mesma como a amazona criada de barro (Figura 6). Esse é seu parâmetro, é assim que ela se vê: uma princesa amazona criada do barro que não tem um pai. Questionar um estilo de vida, um papel social, buscar modificações em quem se é, aprender a se relacionar em uma nova estrutura, não significa abandonar as antigas referências. É justamente através delas que a identidade se transforma. Um professor que almeja ser médico só se torna quando toma consciência de quem é, de onde está, da sua insatisfação com a atual condição, das ferramentas que precisa dispor e das que já possui para metamorfosear-se. Diana é amazona e princesa, mesmo que no mundo dos homens vá transformar-se em uma heroína.

5. 3 Diana em Londres: questões de gênero e políticas de identidade



Figura 7: Diana chega a Londres

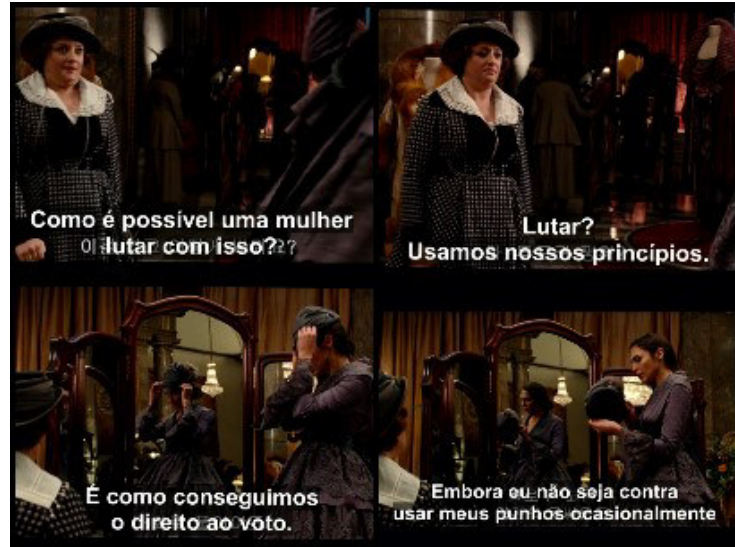


Figura 8: Diana vai às compras



Figura 9: Diana discute com os generais

Ao chegar a Londres (Figura 7), Diana se depara com um mundo totalmente diferente do seu. Ao andar pelas ruas, os homens começam a assediá-la. Steve a apresenta para sua secretária, Etta, que a leva para fazer compras (Figura 8), já que as vestimentas que Diana trouxe de Themiscyra não são consideradas adequadas. Diana prova inúmeras roupas e questiona a confortabilidade destas, pois é uma guerreira e não sabe que mulheres no mundo dos homens não podem ir à guerra. Após escolher uma indumentária muito parecida com as masculinas, Diana acompanha Steve Trevor a uma reunião onde os generais discutiam o

futuro da guerra. Grande é sua surpresa ao perceber que mulheres não podem entrar na sala e não possuem participação nas decisões políticas. Diana, sem concordar com as decisões ali tomadas, se revolta e grita com os generais, acusando-os de covardes por apenas ditarem e assinarem ordens, mas não ir ao campo de batalha com seus soldados (Figura 9). A estadia de Diana em Londres nos dá o quadro relacional de uma sociedade patriarcal e machista, onde mulheres são tratadas como objeto, destituídas de participação política e obrigadas a seguir uma norma de conduta que determina até sua vestimenta.

Bourdieu (2017), ao apresentar a dominação masculina como a estrutura principal da cultura ocidental, salienta que as relações sociais estabelecidas a partir dessa matriz são de cunho assimétrico, pautadas na supremacia do gênero masculino e na depreciação do gênero feminino, predominando assim a violência simbólica. Essa violência simbólica se configura de todos os entraves e dispositivos que mantém a estrutura de dominação. Para Butler (2017), que também critica a noção de uma identidade imutável, a disparidade de gêneros acarreta na retirada da mulher das posições de decisão e poder e mistifica o feminino como uma “especificidade”, uma “fragilidade” ou uma “sentimentalidade”.

A noção binária de masculino/feminino constitui não só a estrutura exclusiva em que essa especificidade pode ser reconhecida, mas de todo modo a “especificidade do feminino é mais uma vez totalmente descontextualizada, analítica e politicamente separada da constituição de classe, raça, etnia e outros eixos de relações de poder os quais tanto constituem a ‘identidade’ como tornam equívoca a noção singular de identidade (BUTLER, 2017, p. 22).

O período histórico abordado no filme se passa durante a Segunda Guerra Mundial, onde mulheres ainda tinham o comportamento cerceado e moldado a serem boas donas de casa e se mostrarem dóceis e frágeis nos ambientes sociais aos quais participassem. Nas figuras descritas acima, pode-se analisar que os dispositivos de violência simbólica que separam os papéis de gênero masculino dos papéis de gênero feminino são simples, porém contundentes: uma vestimenta que impede a ampla movimentação e mesmo a luta corporal, a impossibilidade de andar pelas ruas desacompanhada de um homem sem ser assediada, a proibição de participação em reuniões que decidem o futuro de um país, o não poder opinar de modo assertivo sem ser tida como histérica etc.. Diana veio de um processo de socialização que não discriminava papéis por gênero e sim por hierarquia, afinal, não havia presença masculina na Ilha Paraíso. Agora, em Londres, ao se deparar com uma estrutura social totalmente diferente, ela passa a questionar o sistema vigente.

As dificuldades encontradas por Diana para fazer cumprir seu então projeto de vida configuram uma imagem atualizada do que aconteceu, e ainda acontece, com diversas mulheres acometidas pela violência simbólica do sistema patriarcal. Se pensarmos no

processo de emancipação e autonomia ao qual a construção da identidade tem como finalidade, a violência simbólica pode ser lida aqui como políticas de identidade. As políticas de identidade surgem nos grupos sociais como imposições, que podem minar as metamorfoses identitárias, e impedir um indivíduo de assumir sua identidade política (DANTAS e CIAMPA, 2014, p. 142). Para que Diana fosse para a guerra e salvasse a humanidade como desejava, ela precisava atravessar inúmeras políticas de identidade, aqui configuradas como assimetrias de gênero. Essas assimetrias que persistem até os dias atuais, não passam de elaborações sistemáticas religiosas, morais e legais que acabam por justificar estereótipos masculinos e femininos (MURARO, 1995, p. 83). Somente com o atravessamento desses estereótipos e emancipação das políticas de identidade paralisantes, o conceito de identidade metamorfose proposto aqui pode ser viabilizado, em outras palavras, o indivíduo precisa lidar com as imposições do grupo e dele sobre ele mesmo para que possa se emancipar em direção à sua autonomia e bem-estar social.

5. 4 Diana na guerra: construindo uma identidade política



Figura 10: Diana vai à guerra



Figura 11: Diana luta pela primeira vez

Steve Trevor leva Diana juntamente com um grupo de amigos/mercenários para a guerra. Logo ao chegar ao local, onde os soldados que estão indo para guerra passam pelos que estão chegando, ela se assusta: muitos estão feridos, amputados ou mortos (Figura 10). Diana, apesar de ser amazona nunca esteve em batalha e se horroriza com a miséria e atrocidades que encontra pelo caminho. Cansada de ficar apenas observando, ela, contrariando todos os pedidos de Steve e estratégias do exército aliado, resolve lutar. Sozinha,

ela derrota os soldados da trincheira inimiga e promove o avanço das tropas aliadas (Figura 11).

A busca pela identidade política se dá no momento em que o sujeito se liberta das políticas de identidade a que foi submetido e começa lutar pelos seus ideais, que não se referem apenas a um bem-estar pessoal, mas, também a uma modificação na sociedade em que vive. Diana, ao lutar na guerra, mesmo sendo mulher e contrariando o status quo da sociedade londrina, age de acordo com seu projeto de vida: salvar a humanidade. Ciampa (1993) afirma que as identidades se constituem como uma política, que dão corpo a uma ideologia. Diana, ao assumir pela primeira vez o seu lugar na linha de batalha e utilizar seus poderes e habilidades por uma causa considerada por ela maior, se inscreve no campo da identidade política. Diana não quer apenas lutar por uma causa própria, salvar um país, ela quer acabar com a guerra de um modo geral. Seus valores humanitários e o peso que dá para a existência humana é que o lhe conduz na direção de ser a Mulher Maravilha que conhecemos.

Analisando o projeto de vida, pode-se saber mais sobre a postura do sujeito em relação à sua vida (se é uma posição de refém ou de protagonista), o quanto ele é movido pelo seguimento às políticas de identidade ou se há sinais de desenvolvimento de uma identidade política e o quanto aderente o sujeito está à lógica instrumental. (DANTAS E CIAMPA, 2014, p.143).

O projeto de vida de Diana, ou melhor, os movimentos feitos por ela para torná-lo real, nos levam a perceber as mudanças que ocorreram em sua identidade desde sua saída de Themiscyra. Diana não é mais a mulher presa a um estereótipo de princesa. Ela ainda é a filha de Hipólita, mas, longe de sua terra natal, ela assume a guerreira que sempre quis ser. Se antes teve medo de confrontar sua mãe, agora enfrentava uma guerra mundial. Se antes queria apenas aprender a lutar, agora podia usar o que aprendeu para; salvar milhares de pessoas. Já não era mais refém das políticas de identidade que antes determinavam suas atitudes: ela já não precisava agir de acordo com um sistema, mas sim, com o que acreditava. Agora Diana era protagonista da própria vida. Não sem sofrimentos, assumir uma identidade política traz responsabilidade. É exatamente por isso que alguns indivíduos nunca atravessam o limiar que os mantêm presos ao determinismo social, é mais fácil se adequar que lutar em busca de si mesmo (CIAMPA, 1993). A transformação de Diana em Mulher Maravilha é marcada pelo seu ingresso na guerra; nesse lugar ela pode agir como a mulher que buscou ser a vida inteira. Mulher Maravilha é a identidade política de Diana à medida que é ela que possibilita a modificação social que Diana não poderia exercer na terra das amazonas. Apenas ali, no mundo dos homens, ela pôde ser útil como indivíduo que transforma o meio e é transformado por ele.



Figura 12: Diana se apaixona por Steve

Depois que vencem a batalha, Diana, Steve e os amigos de Steve comemoram. Eles cantam, bebem e dançam. Diana conversa com Steve e ele a chama para dançar. Eles dançam juntos e falam sobre o que as pessoas fazem quando não estão na guerra. Steve fala sobre trabalho, vida e filhos (Figura 12). Eles passam a noite juntos e Diana começa a vê-lo de uma forma diferente. É possível dizer que essas cenas marcam o início da paixão entre os dois. A construção da identidade de um indivíduo perpassa pelas relações que ele estabelece a partir da sua atuação na sociedade. Essas relações podem ter muita ou total influência na maneira que o projeto de vida de alguém irá se encaminhar e na estruturação de uma identidade política. Não há como analisar um sujeito fora de suas relações e não há como haver identidade sem interações que possam modificar, determinar ou significar o seu processo (DANTAS E CIAMPA, 2014). Steve foi essencial na metamorfose de Diana, logo no início é ele quem lhe traz notícias da guerra no mundo humano e é através dos ideais dele, com os quais se identifica, que ela se percebe pela primeira vez como ser atuante e capaz de causar transformações. Pensando em identidade política como uma articulação de diferença e igualdade, pode-se dizer que a Mulher Maravilha nasce da constante dialética das diferenças que permeiam a evolução identitária de Diana. A partir do momento que se reconhece em Steve (eles têm os mesmos ideais, lutam pelas mesmas causas), ela se diferencia de si mesma (de quem já foi) e supera as políticas de identidade que poderiam detê-la na sua transformação em Mulher Maravilha. É interessante perceber aqui, a influência do grupo social, do período histórico e da cultura na metamorfose de um sujeito: esses fatores podem atuar tanto positivamente quanto negativamente. Mas é certo, assumir uma identidade política, isto é,

adquirir um modo de vida que associe tanto o bem-estar individual quanto a luta pela emancipação de grupos socialmente oprimidos, exige reflexão do indivíduo para consigo mesmo e constante questionamento sobre as relações em que se está inserido.

5. 5 Finalmente Mulher Maravilha: a identidade metamorfose

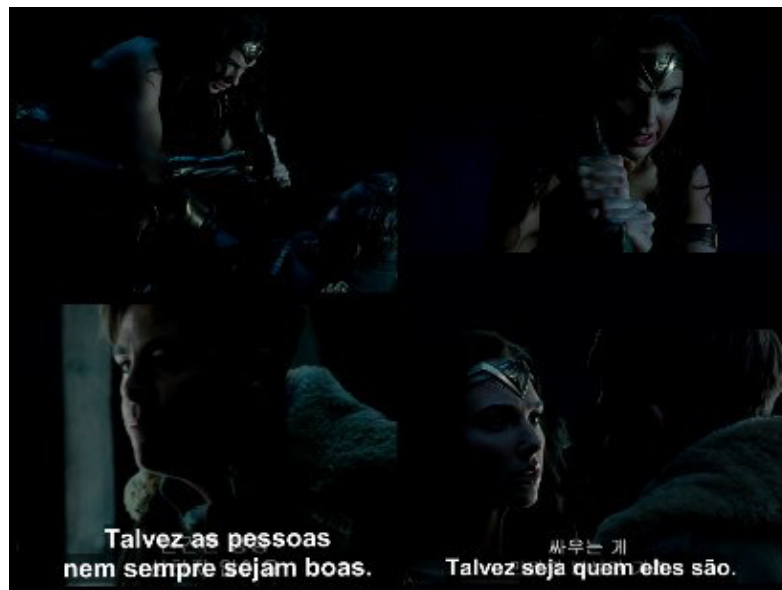


Figura 13: Diana se decepciona com a humanidade

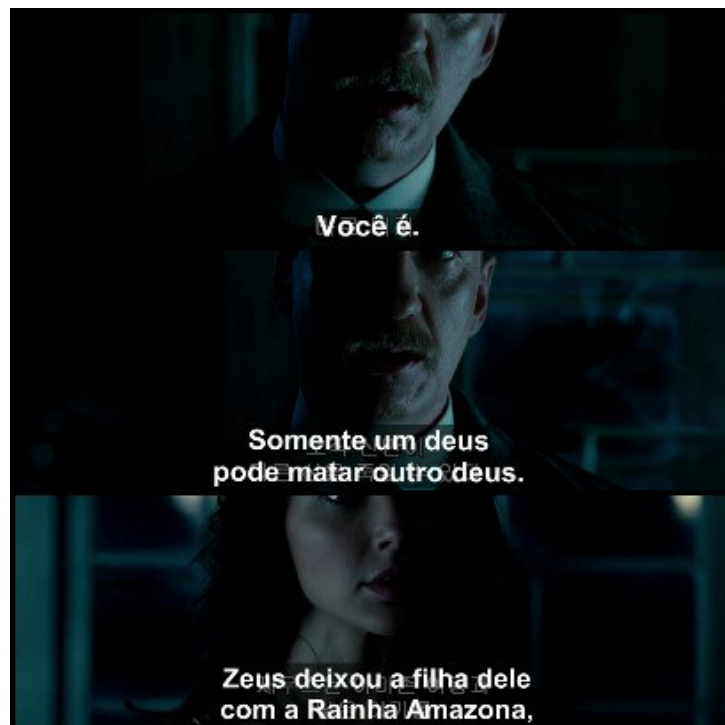


Figura 14: Diana descobre que é filha de Zeus



Figura 15: Diana derrota Áries

Diana volta para o campo de batalha juntamente com Steve e os outros que lhes acompanham. Ela está decidida a matar Áries, o deus da guerra, que ela acredita que é causa para os humanos estarem em guerra. Diana se convence que um general alemão é Áries disfarçado, logo ela vai à luta contra ele. Ela o mata ainda acreditando tratar-se da divindade grega. No entanto, ao mata-lo a guerra continua e ela não compreende, pois, matar Áries seria acabar com a guerra. Steve diz a Diana que a guerra humana é causada pelos próprios humanos, que estes não são sempre bons e que causam males a si mesmos (Figura 13). Steve parte com seus ajudantes para tentar destruir centenas de recipientes que contém um gás mortal, enquanto Diana permanece no mesmo lugar decepcionada com a humanidade que ela tanto quis salvar. É nesse momento que o verdadeiro Áries aparece, ele esteve todo o tempo disfarçado de um general do exército aliado. Ele trava uma luta contra Diana e tenta convencê-la de que a humanidade não tem salvação. Após tentar matá-lo com uma espada que supostamente seria a “matadora de deuses”, ele lhe revela que ela não é uma simples amazona, mas sim, a filha de Zeus (Figura 14). Há uma explosão e Steve volta para se despedir de Diana: ele resolveu levar os recipientes do gás mortal de avião e explodi-los no ar, pois é a única maneira de destruí-los. Ela não compreende bem o que ele lhe diz e continua lutando contra Áries, até que vê um avião explodindo no ar e entende que na verdade Steve estava se despedindo dela para sempre. Diana libera então toda sua força e consegue destruir Áries. A guerra acaba (Figura 15).

As cenas descritas acima se tratam do desfecho do filme Mulher Maravilha (2017). É o momento que Diana se depara com a impossibilidade de cumprir o projeto de vida que traçara desde sua saída de Themiscyra. Não é possível salvar a humanidade, os seres humanos forjam suas próprias guerras, os deuses podem influenciar, mas a escolha não parte deles. Diana descobre que a pessoa que sempre pensou ser não existe, ela é uma deusa e não uma simples princesa. Também perdeu a pessoa com quem compartilhava os ideais e planejava compartilhar a vida. Esse é o momento de maior importância da vida de Diana no filme, esse momento marca a ruptura total da antiga princesa e da atual heroína. Em um processo de construção de uma identidade, um indivíduo se depara com várias rupturas, ou seja, vivencia episódios que proporcionam uma grande transformação na sua história de vida (CIAMPA, 2002). Esses eventos desestabilizantes também agem sobre a existência como propulsores de novas possibilidades: o processo de identidade metamorfose não é especificamente contínuo, ele se dá muitas vezes ciclicamente, permitindo ao sujeito inúmeras maneiras de se reconstruir e de se colocar no mundo, de utilizar suas próprias fraquezas para uma busca de suas forças. Que fazer então diante de um evento tão devastador que suspende todo um projeto de vida? As respostas podem ser infinitas, pois cada sujeito agirá conforme seus valores, sua cultura, seus dispositivos de controle ou ideologias (DANTAS E CIAMPA, 2014). A resposta de Diana foi concretizar sua identidade política, se tornou a Mulher Maravilha. Mais poderosa e mais consciente de sua força, partiu para a construção de um novo projeto de vida.



Figura 16: Diana analisa suas vivências 1



Figura 17: Diana analisa suas vivências 2

Diana depois da guerra, agora Mulher Maravilha, vivendo na contemporaneidade e engajada em novos projetos, ao contar a própria história, relembra sua trajetória, percebe o quanto mudou e como sua perspectiva agora é outra (Figuras 16 e 17). A mulher que queria salvar a humanidade não existe mais, tudo o que ela pode fazer é ajudar, suas ambições agora são menores, porém mais reais e possíveis. Quando o indivíduo, ao longo do seu processo identitário, assume sua identidade política, a reflexão sobre as próprias vivências se torna uma ferramenta de autonomia e qualidade de vida. A emancipação se dá não pelas certezas ou falta de dúvidas sobre a existência, mas sim pela percepção das diversas possibilidades que ainda se possui (CIAMPA, 2002). Severino, personagem central do poema *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, ao se deparar com inúmeros entraves e rupturas que o impediam no seu existir, teve vontade de acabar com a própria vida. A saída não veio em forma de uma resposta concreta, mas em um convite à reflexão feito por outro personagem do poema:

— Severino retirante,
 deixe agora que lhe diga:
 eu não sei bem a resposta
 da pergunta que fazia,
 se não vale mais saltar
 fora da ponte e da vida;
 nem conheço essa resposta,
 se quer mesmo que lhe diga;

é difícil defender,
 só com palavras, a vida,
 ainda mais quando ela é
 esta que vê, severina;
 mas se responder não pude
 à pergunta que fazia,
 ela, a vida, a respondeu
 com sua presença viva.
 E não há melhor resposta
 que o espetáculo da vida:
 vê-la desfiar seu fio,
 que também se chama vida,
 ver a fábrica que ela mesma,
 teimosamente, se fabrica,
 vê-la brotar como há pouco
 em nova vida explodida;
 mesmo quando é assim pequena
 a explosão, como a ocorrida;
 mesmo quando é uma explosão
 como a de há pouco, franzina;
 mesmo quando é a explosão
 de uma vida Severina (MELO NETO, p.28)

Severino e Diana são dois personagens completamente diferentes, mas que mostram que a identidade é fluída, que os caminhos para sua construção não são estáveis e que todas as respostas e transformações possíveis estão na relação com o outro. As diferenças e igualdades são o que nos constroem enquanto sujeitos dentro de uma perspectiva social, ideológica e política. Severino, apesar de pobre e franzino como diz o poema, pode encontrar um caminho para um projeto de vida na própria vida de um bebê que nasce. Diana, mesmo depois de perder alguém importante e não conseguir salvar a humanidade, ainda encontra um propósito, um sentido, um novo projeto de vida na ajuda que seus poderes podem dar aos seres humanos. As identidades constroem e são construídas pelas relações entre os indivíduos e é a análise dessas relações que possibilita ao sujeito a ascensão da forma inautêntica de existência, onde não há consciência de um projeto de vida, para a forma autônoma, aquela que permite a contínua construção de uma identidade política (GOFFMAN, 1988).

A identidade é metamorfose, está sempre se reinventando, reformulando-se, apresentando novas alternativas e “só a ampla discussão e reflexão sobre o que merece ser vivido nos levará a formular projetos de identidade, cujos conteúdos não estejam prévia e autoritariamente definidos” (CIAMPA, 1992, p. 241). É somente na percepção do outro e de si mesmo, nas resoluções de conflitos internos e externos e na reelaboração das formas de existir, que a identidade se assume política.

6 SER E NÃO SER

*“E, agora, estou apenas tentando mudar o mundo, uma lantejola de cada vez.”
Lady Gaga*

Shakespeare já questionava no século XVI se a questão era ser ou não ser. Na antiguidade os filósofos dispendiam a maior parte do seu tempo perguntando a si mesmos quem eram e se havia uma essência do ser. Nós, em pleno século XXI e cercados por toda espécie de tecnologia, ainda nos fazemos as mesmas perguntas. Identidade sempre foi para humanidade um conceito chave. Existir carece de um ponto de ancoragem e nem sempre ser quem se é parece tarefa simples. O filme *Mulher Maravilha* (2017) é um dos mais recentes exemplos ficcionais de que o processo identitário de um indivíduo pode ter vários caminhos e diversos desdobramentos. Tomando a Teoria da Identidade de Antonio Ciampa como norte e apontando a identidade metamorfose como um caminho para a análise da evolução de Diana Prince para a *Mulher Maravilha*, a reflexão deixada pelo presente trabalho foi a possibilidade de rupturas com um sistema e estruturas determinantes. Assumir-se, ser, existir no mundo de uma maneira autônoma é possível e viável, porém não é um processo rápido ou fácil.

A análise e discussão desse filme trouxe a percepção das disparidades que existiam e ainda existem entre os gêneros. Mesmo uma heroína precisou lidar com padrões de assimetria patriarcais para que pudesse assim exercer sua identidade política. Homens e mulheres, apesar de serem iguais juridicamente e de todas as conquistas conseguidas no último século, ainda são tratados de formas diferentes e com bases em suas características biológicas. Essa diferenciação coexistente na contemporaneidade em forma de violência simbólica (BOURDIEU, 2017), transforma-se em políticas de identidade e é possível afirmar assim que a construção identitária autônoma e emancipatória de uma mulher encontra maiores adversidades em seu processo.

O filme analisado traz também inúmeras questões que podem ser abordadas por pesquisas futuras: por que mesmo sendo uma heroína superpoderosa, a *Mulher Maravilha* ainda é subordinada a personagens masculinos como o Batman e o Superman? Quais seriam as possibilidades de uma mulher que foi socializada somente por mulheres e quais as diferenças que isso acarretaria? Que influências feministas o filme traz e a que luta remonta? Por que ainda se apela para a sexualização de um personagem tão rico e com tantos desdobramentos como a *Mulher Maravilha*? O Cinema, como instrumento de análise, possibilita que essas pautas sejam estudadas e discutidas, já que “os argumentos e

personagens cinematográficos apontam, portanto para formas de ser e viver, de produzir corpos e aparências. Dessa maneira, o cinema produz uma estética e uma ética com condições de serem amplamente difundidas e consumidas” (SANTOS, et al, 2011, p. 132).

Analisando a história de vida de Diana e compreendendo o percurso que a levou mudar de projeto de vida e assumir uma postura política e autônoma, pode-se concluir que o assumir-se diante da sociedade e buscar um ser-para-si emancipado, leva o sujeito a perceber-se como ser atuante e transformador de sua realidade. Apenas quando Diana rompeu com os papéis determinantes que a prendiam à sua mãe e a seus deveres de princesa, foi que conseguiu elaborar um sentido para sua vida e dar mobilidade às suas aspirações como pessoa. A identidade metamorfose propõe exatamente a quebra do sujeito com as políticas de identidade e o comprometimento com elaboração de um plano de bem-estar-social ao qual ele esteja inserido e seja o ator principal.

Promover a reflexão, incentivar indivíduos a romperem com um sistema impositor e fomentar a discussão acerca das identidades e dos processos identitários são as características principais do conceito de identidade metamorfose aqui abordados. Dessa forma, o presente trabalho é concluso em seus objetivos, porém deixa aberta a possibilidade de reflexão das diversas identidades que possam ter acesso a essa pesquisa. Reiteramos que o que foi exposto aqui é apenas uma das formas de se pensar identidade e, como já falado anteriormente, não se trata apenas de uma questão científica, mas também de uma questão política e ideológica. Afinal, “identidade é metamorfose. E metamorfose é vida” (CIAMPA, 1993, p. 128).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, C. D., GUIDANI E SÁ-SILVA, J.; Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**, Ano I – Número I – julho de 2009. Disponível em: <<https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/view/6>>. Acesso em: 5 de outubro de 2018.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.
- BUTLER, J.; **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- CANDIDO, A. et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.
- CAREGNATO, R; MUTTI, R. Pesquisa Qualitativa: Análise de Discurso Versus Análise de Conteúdo. **Eferm**, Florianópolis, v. 15, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0104-07072006000400017&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 07 de outubro de 2018.
- CIAMPA, A.C.; Identidade, In: W. Codo & S. T. M Lane (Orgs.). **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- _____. **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- _____. **Políticas de identidade e identidades políticas**. In Dunker, C. I. L., & Passos, M. C., Uma psicologia que se interroga- ensaios. São Paulo: Edicon, 2002.
- CODATO, H. Cinema e representações sociais: alguns diálogos possíveis. **Verso e Reverso**, Rio Grande do Sul, v. XXIX, n. 55, 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/viewFile/44/8>>. Acesso em: 15 de outubro de 2018.
- COPQUE, H., NOVA, C. Processos psicológicos básicos à luz das teorias cinematográficas. **(Inter) Subjetividades**, Revista eletrônica do Curso de Psicologia da UNIJORGE, v.1 - n.1 / jul. /dez, 2009. Disponível em: <https://docgo.net/detail-doc.html?utm_source=artigo-copque-c-n-h-processos-psicol-basicos-a-luz-das-teorias-cinematograficas>. Acesso em: 02 de novembro de 2018.
- COSTA, M. C. **Sociologia: introdução à Ciência da Sociedade**. São Paulo: Editora Moderna LTDA, 1987.
- DANTAS, S. e CIAMPA, A. Projeto de Vida e Identidade Política: Um caminho para a emancipação. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 5- n.2, jul/dez, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822017000100412&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 15 de novembro de 2018.
- FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GOFFMAN, E. **Estigma**: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 11ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JACQUES, M. G. C. **Identidade**. In: M. N. Strey et al. Psicologia social contemporânea (pp. 159-167), Petrópolis: Vozes, 1998.

LANE, S. T. M. **O que é psicologia social**. 4 ed, São Paulo, Brasiliense, 1983.

LAURENTI, C. e BARROS, M. Identidade: Questões Conceituais e Contextuais. **Revista de Psicologia Social e Institucional**, v. 2- n.1, junho/2000. ISSN: 1516-488. Disponível em <http://www.uel.br/ccb/psicologia/revista/textov2n13.htm>. Acesso em 15 de outubro de 2018.

LEPORE, J. **A História Secreta da Mulher Maravilha**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2017

MURARO, R. M. **A mulher no terceiro milênio**. Rio de Janeiro: Record, 1995.

MARTINS, E. Os papéis sociais na formação do cenário social da identidade. **Kinesis**, v.1, n 4, dezembro, 2010. Disponível em: <<http://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/4905>>. Acesso em: 02 de outubro de 2018.

MELO-NETO, J. C. **Morte e Vida Severina**. Universidade da Amazônia, 2017, Disponível em: <http://bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/services/e-books/Joao%20Cabraal%20de%20Melo%20Neto.pdf>. Acesso em 12 de janeiro de 2019.

OLIVEIRA, P. S. **Introdução à Sociologia**. São Paulo: Ática, 2002.

PERRONE, C., ENGELMAN, S. Novo cinema, nova loucura? **Psicologia e Sociedade**, vol.20 no.1 Porto Alegre Jan./Apr., 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822008000100011>. Acesso em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822008000100011>. Disponível em: 15 de outubro de 2018.

SANTOS, C. B., et al. A diversidade sexual no ensino da Psicologia: o cinema como ferramenta de intervenção e pesquisa em sexualidade. **Salud y Sociedad Revista Latinoamericana**, n. 7, abril, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64872011000200006>. Acesso em: 02 de outubro de 2018.

FILMOGRAFIA

MULHER MARAVILHA. Direção Patty Jenkins, Warner Bros. Pictures, 2017.